COP17 da desertificação chega à reta final marcada por impasses geopolíticos

La COP17 sobre la desertificación entra en su recta final, marcada por impasses geopolíticos

COP17 on Desertification Enters the Final Stretch, Marked by Geopolitical Deadlocks

Luiz Augusto Galvão e Danielly Magalhães

Resumo: A COP17 da Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação (UNCCD), realizada em Ulaanbaatar, Mongólia, entre 17 e 28 de agosto de 2026, entra em sua reta final sem consenso sobre a criação de um protocolo internacional vinculante sobre seca — uma reivindicação histórica dos países africanos, apoiada por Brasil e União Europeia. Segundo a ONU, a seca, agravada pela crise climática, pode afetar 75% da população mundial até 2050, e 40% dos solos do planeta já estão degradados. Divergências geopolíticas, incluindo propostas alternativas mais fracas apresentadas por delegações latino-americanas e a resistência a compromissos financeiros e de cooperação internacional, esvaziaram o texto original acordado na COP16, em Riad, e ameaçam o resultado da rodada ministerial. Um relatório da UNCCD baseado no estudo Global Burden of Disease (GBD/IHME) reforça a urgência do tema, associando a seca a cerca de 650 mil mortes entre 1970 e 2019 e apontando a desnutrição infantil como um dos principais fatores de risco à saúde das crianças no mundo.

A COP17 avançou mais na implementação, financiamento e criação de iniciativas concretas do que na construção de novas obrigações internacionais. Houve avanços importantes em restauração de terras, pastagens, financiamento e mecanismos de resiliência à seca, mas não houve consenso para estabelecer um regime global juridicamente vinculante sobre secas. A principal negociação política foi transferida para a COP18, em 2028.

Palavras-chave: COP17; UNCCD; desertificação; seca; degradação do solo; protocolo vinculante; geopolítica; Mongólia; mudança climática; saúde pública; GBD; desnutrição infantil.

Resumen: *La COP17 de la Convención de las Naciones Unidas de Lucha contra la Desertificación (UNCCD), celebrada en Ulaanbaatar, Mongolia, del 17 al 28 de agosto de 2026, entra en su recta final sin consenso sobre la creación de un protocolo internacional vinculante sobre sequía — una reivindicación histórica de los países africanos, respaldada por Brasil y la Unión Europea. Según la ONU, la sequía, agravada por la crisis climática, podría afectar al 75% de la población mundial para 2050, y el 40% de los suelos del planeta ya están degradados. Las divergencias geopolíticas, incluidas propuestas alternativas más débiles presentadas por delegaciones latinoamericanas y la resistencia a compromisos financieros y de cooperación internacional, han vaciado de contenido el texto original acordado en la COP16, en Riad, y amenazan el resultado de la ronda ministerial. Un informe de la UNCCD basado en el estudio Global Burden of Disease (GBD/IHME) subraya la urgencia del tema, al vincular la sequía con cerca de 650.000 muertes entre 1970 y 2019 y señalar la desnutrición infantil como uno de los principales factores de riesgo para la salud de los niños en el mundo.*

COP17 made greater progress on implementation, financing, and the development of concrete initiatives than on establishing new international obligations. Important advances were made in land restoration, rangelands, financing, and drought resilience mechanisms, but no consensus was reached on establishing a legally binding global framework on drought. The main political negotiation was therefore deferred to COP18 in 2028.

Palabras clave: *COP17; UNCCD; desertificación; sequía; degradación del suelo; protocolo vinculante; geopolítica; Mongolia; cambio climático; salud pública; GBD; desnutrición infantil.*

Abstract: *COP17 of the United Nations Convention to Combat Desertification (UNCCD), held in Ulaanbaatar, Mongolia, from 17 to 28 August 2026, enters its final stretch without consensus on creating a binding international protocol on drought — a longstanding demand from African countries, backed by Brazil and the European Union. According to the UN, drought, worsened by the climate crisis, could affect 75% of the world's population by 2050, and 40% of the planet's soils are already degraded. Geopolitical divergences, including weaker alternative proposals put forward by Latin American delegations and resistance to financial commitments and international cooperation, have watered down the original text agreed at COP16 in Riyadh, threatening the outcome of the ministerial round. A UNCCD report drawing on the Global Burden of Disease (GBD/IHME) study underscores the urgency of the issue, linking drought to roughly 650,000 deaths between 1970 and 2019 and identifying child undernutrition as a leading risk factor for children's health worldwide.*

COP17 made greater progress on implementation, financing, and the development of concrete initiatives than on establishing new international obligations. Important advances were made in land restoration, rangelands, financing, and drought resilience mechanisms, but no consensus was reached on establishing a legally binding global framework on drought. The main political negotiation was therefore deferred to COP18 in 2028.

Keywords: *COP17; UNCCD; desertification; drought; land degradation; binding protocol; geopolitics; Mongolia; climate change; public health; GBD; child undernutrition.*

Um cenário de urgência crescente

Os números da ONU são alarmantes. Em 2024, estimativas indicavam que a seca — intensificada pela emergência climática e pelo uso insustentável do solo e da água — pode atingir até 75% da população mundial até 2050. Atualmente, cerca de 40% dos solos do planeta já apresentam algum grau de degradação.

A UNCCD, aprovada em 1994 com foco inicial na África, é um dos três grandes tratados ambientais da ONU — ao lado das convenções sobre clima (UNFCCC) e biodiversidade (CBD), conhecidas como as "Convenções do Rio". O continente africano, historicamente o mais afetado pela degradação do solo e por episódios extremos de seca, é também o principal proponente de um instrumento multilateral robusto: um protocolo específico sobre seca, com financiamento internacional garantido e caráter juridicamente vinculante — uma reivindicação que já se arrasta por várias edições da conferência.

A conferência tem como objetivo central combater a desertificação, a degradação da terra e a seca em todo o mundo, promovendo o manejo sustentável do solo e a restauração de áreas degradadas, sob o tema "Restaurando a Terra, Restaurando a Esperança" — relevante

numa conferência sediada pela Mongólia, país que tem quase 77% de seu território já degradado, e que ocorre durante o Ano Internacional dos Pastagens e Pastores, de 2026.

O legado de Riad e o recuo na Mongólia

Na COP16, realizada em 2024 em Riad, os países chegaram a um consenso importante: as negociações sobre um protocolo de seca deveriam avançar na COP seguinte, na Mongólia. Nesse processo, formou-se um mapa de alianças relativamente claro. A União Europeia, que enfrenta desafios crescentes de aridez em seu território, apoia a ideia de um protocolo, mas resiste à sua obrigatoriedade. O Brasil, por sua vez, alinha-se à proposta africana, defendendo um instrumento vinculante.

Há também vozes mais pragmáticas no debate, que reconhecem as dificuldades de aprovar, no atual contexto geopolítico, um protocolo obrigatório para todos os países. Vale lembrar que já existe um precedente de instrumento não vinculante bem-sucedido: o Marco Global de Biodiversidade de Kunming-Montreal, fechado na COP de Biodiversidade de 2022.

O impasse na COP anterior nunca foi sobre a necessidade de um protocolo — isso era consenso —, mas sobre seu caráter vinculante ou não. Na Mongólia, porém, o debate regrediu ainda mais, segundo fontes ligadas às negociações.

Textos alternativos e recuos

Diante do impasse, a delegação chilena apresentou um texto alternativo ao de Riad, consideravelmente mais fraco e esvaziado dos pontos mais sensíveis em disputa. A proposta chilena não faz nenhuma menção à mudança climática nem a resoluções de outras instâncias da ONU, e tampouco menciona a sinergia necessária entre as três convenções ambientais das Nações Unidas. O texto se limita a citar colaboração de políticas públicas e troca de experiências entre países.

Isso representa um recuo significativo em relação ao que havia sido acordado em Riad, onde a proposta previa a criação de um grupo de trabalho para conduzir, ao longo de dois anos, um processo de consultas que estruturasse o desenho de um instrumento internacional. Essa proposta original continua sendo defendida por africanos, europeus e brasileiros.

O Chile, que abriga o deserto do Atacama e enfrenta seus próprios desafios de seca, não está isolado nessa posição. Outros países latino-americanos também resistem a um instrumento vinculante — um alinhamento que, segundo um observador das negociações, reflete “uma leitura política da virada à direita da política sul-americana”.

Outras delegações também apresentaram propostas alternativas mais enxutas ao longo do processo, sem compromissos financeiros internacionais e priorizando ações domésticas em detrimento de mecanismos de cooperação multilateral mais robustos — uma tendência que, segundo negociadores, tem esvaziado progressivamente a ambição do texto original.

Efeitos na saúde: o que mostram os dados e o estudo GBD

Um relatório da UNCCD publicado em julho de 2025 sobre os impactos da desertificação, da degradação do solo e da seca na saúde reforça a urgência do tema em debate na Mongólia. Entre 1970 e 2019, a seca foi um dos fenômenos naturais mais letais do planeta, provocando cerca de 650 mil mortes em todo o mundo. Entre 2015 e 2019, ao menos 100 milhões de

hectares de terra produtiva foram degradados a cada ano, comprometendo a segurança alimentar e hídrica de populações inteiras.

As terras áridas já cobrem 41% da superfície terrestre (essa proporção aumentou de cerca de 37,5% no período 1961–1990 para 40,6% em 1991–2020, uma expansão de aproximadamente 4,3 milhões de km²), e a população que vive nessas regiões — concentrada sobretudo na Ásia e na África — deve dobrar até 2100, ultrapassando 5 bilhões de pessoas. A degradação do solo atinge de forma desproporcional a África Subsaariana, onde a proporção de terras degradadas mais do que dobrou desde a década de 1990, além do Leste e Sudeste Asiático e da América Latina e Caribe, regiões com índices acima da média global.

O estudo Global Burden of Disease (GBD), conduzido pelo Institute for Health Metrics and Evaluation (IHME), é citado no relatório como referência central para dimensionar o peso desses fatores ambientais sobre a saúde infantil. Segundo a edição GBD 2021, o baixo peso ao nascer e a desnutrição infantil figuram, respectivamente, em primeiro e terceiro lugar entre os dez principais fatores de risco para a carga de doenças em crianças no mundo — condições diretamente agravadas pela insegurança alimentar provocada pela seca e pela perda de produtividade agrícola nas regiões afetadas pela desertificação.

O documento descreve ainda uma cadeia de efeitos que vai muito além da fome: a seca e a degradação da terra estão associadas a doenças infecciosas (como cólera, malária e infecções transmitidas pelo solo), doenças não transmissíveis (cardiovasculares, respiratórias, câncer), transtornos mentais como ansiedade e depressão, e a um aumento de mortes e ferimentos ligados a ondas de calor e deslocamentos forçados. Pesquisas mostram associação entre episódios de seca e o aumento de infecções por HIV e de doenças diarreicas, enquanto altos níveis de poeira estão correlacionados a asma, infecções respiratórias e maior mortalidade durante tempestades de areia e poeira — fenômeno que já expõe diariamente cerca de 330 milhões de pessoas a partículas transportadas pelo vento, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Mulheres e crianças aparecem como os grupos mais vulneráveis. Meninas correm maior risco de desnutrição em contextos de seca do que meninos, e mulheres responsáveis por buscar água em longas distâncias enfrentam mais distúrbios musculoesqueléticos e riscos reprodutivos. O relatório também associa a seca ao agravamento de transtornos de ansiedade generalizada, cujo custo aos sistemas de saúde é projetado em US$ 198 bilhões até 2050. Diante desse quadro, o documento recomenda a integração da saúde às políticas de uso da terra e ao enfrentamento da seca, por meio de abordagens como a “Saúde Única” (One Health), que conecta a saúde humana, animal e dos ecossistemas — um argumento adicional citado por delegações que defendem um protocolo internacional mais ambicioso na COP17.

Segunda semana sob tensão

Com essas divergências profundas sobre a mesa e o prazo final se aproximando em 28 de agosto, a COP17 caminha para o desfecho surpreendendo observadores pelo grau de contaminação geopolítica que tomou conta de um tema que, em tese, deveria unir os países em torno de um objetivo comum: enfrentar um dos efeitos mais concretos e já sentidos da crise climática. O desfecho das negociações ainda é incerto, mas o cenário atual sugere que um acordo ambicioso e vinculante dificilmente sairá da rodada ministerial.

O que ficou decidido na COP17

A COP17 da Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação (UNCCD) terminou em 28 de agosto de 2026, em Ulaanbaatar, Mongólia, com alguns avanços concretos, principalmente em financiamento, pastagens e resiliência à seca, mas sem resolver uma das principais questões políticas da conferência: a criação de um instrumento global vinculante sobre secas.

O resultado mais importante sobre seca foi um compromisso intermediário. Os países não chegaram a um acordo para criar um instrumento internacional juridicamente vinculante. Países africanos, apoiados pelo Brasil, defendiam compromissos obrigatórios; outros países preferiam mecanismos voluntários. A decisão sobre um eventual instrumento global foi, portanto, novamente adiada, agora para a COP18, no Egito, em 2028.

Houve, porém, um avanço institucional: **a seca passará a ser um item permanente e independente da agenda das futuras COPs da UNCCD**, e as negociações continuarão no período entre a COP17 e a COP18. Isso é relevante porque mantém o tema formalmente em negociação, em vez de simplesmente adiá-lo por dois anos.

Outro resultado importante foi o avanço da Riyadh Global Drought Resilience Partnership, criada na COP16. Em Ulaanbaatar, começaram a avançar os mecanismos para um fundo coletivo destinado a apoiar aproximadamente 70 países vulneráveis, especialmente de baixa e média-baixa renda, na preparação de programas e investimentos para resiliência à seca.

Também foi lançado o Drought Resilience Investment Facility (DRIF), criado pela UNCCD e Luxemburgo com apoio da International Drought Resilience Alliance. A nova plataforma pretende mobilizar até US$ 400 milhões em capital público e privado para segurança hídrica, agricultura sustentável, soluções baseadas na natureza e restauração de terras.

Na agenda mais ampla de desertificação e degradação da terra, governos, bancos de desenvolvimento, fundos e empresas apresentaram uma carteira de aproximadamente US$ 1,3 bilhão em financiamento para restauração de terras e resiliência à seca em 23 países. Desse montante, US$ 644,5 milhões foram identificados como novos recursos e US$ 216,4 milhões já estavam confirmados e avançando para implementação.

Pastagens e pastoralistas foram um dos maiores destaques

A COP17 colocou as pastagens (*rangelands*) no centro da agenda internacional sobre degradação da terra. Isso é significativo porque elas ocupam cerca de 54% da superfície terrestre, sustentam aproximadamente 2 bilhões de pessoas e estão diretamente relacionadas aos meios de vida de cerca de 500 milhões de pastoralistas.

Foi lançada a Rangelands Flagship Initiative, reunindo aproximadamente US$ 1,2 bilhão em 45 projetos — segundo a UNCCD, a maior mobilização de recursos para pastagens já realizada no âmbito da Convenção. A iniciativa procura combinar restauração, manejo sustentável, resiliência à seca e proteção dos meios de vida das comunidades pastoralistas.

O financiamento continua muito abaixo do necessário

Apesar dos anúncios, existe uma enorme diferença entre os recursos mobilizados e o que seria necessário. A UNCCD estima que seriam necessários aproximadamente US$ 355 bilhões por ano até 2030 para cumprir os compromissos globais de restauração de terras.

Atualmente são investidos cerca de US$ 77 bilhões anuais, deixando um déficit aproximado de US$ 278 bilhões por ano. Apenas cerca de 6% dos investimentos vêm do setor privado.

Portanto, os US$ 1,3 bilhão anunciados em Ulaanbaatar representam um avanço, mas são pequenos diante da dimensão do déficit global.

Um resultado político mais fraco do que se esperava

A COP17 também foi marcada por fortes disputas geopolíticas. Questões relacionadas a gênero, participação da sociedade civil, povos indígenas, migração e maior integração entre as três Convenções do Rio — clima (UNFCCC), biodiversidade (CBD) e desertificação (UNCCD) — encontraram resistência durante as negociações. Vários desses temas acabaram sendo remetidos para continuidade das discussões até a COP18.

Enchentes no Nepal: quando o derretimento do gelo se transforma em uma emergência de saúde

Em 26 de agosto de 2026, o Nepal foi atingido por uma das mais graves enchentes repentinas de sua história recente. O desastre afetou especialmente comunidades ao longo dos rios Bhote Koshi e Trishuli, nos distritos de Rasuwa, Nuwakot, Dhading e Chitwan, estendendo-se também a outras áreas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), até 30 de agosto mais de 730 pessoas haviam morrido, cerca de 2.500 estavam desaparecidas e aproximadamente 10 mil famílias necessitavam de assistência imediata. Estradas, pontes, casas, instalações hidrelétricas e serviços de saúde foram destruídos ou ficaram inacessíveis.

Diferentemente de muitas enchentes que atingem o Nepal durante o período de monções, as evidências preliminares indicam que este desastre teve origem em um colapso de gelo, rocha e parte de uma encosta de alta montanha, próximo à fronteira entre Nepal e China. A enorme massa de gelo e detritos desceu pela montanha e entrou no sistema fluvial, possivelmente bloqueando temporariamente o rio e liberando posteriormente uma onda de água, lama, rochas e sedimentos. O US Geological Survey estima que o fluxo percorreu aproximadamente 100 quilômetros. Inicialmente, chegou-se a suspeitar de um terremoto, mas parte da atividade sísmica registrada parece ter sido produzida pelo próprio colapso da montanha.

Embora ainda seja cedo para atribuir diretamente este evento específico às mudanças climáticas, o desastre evidencia um risco crescente no Himalaia, uma das regiões montanhosas mais vulneráveis ao aquecimento global. Temperaturas mais altas aceleram o derretimento e a retração das geleiras e podem contribuir para o degelo do *permafrost* — solo e rocha que permanecem congelados por longos períodos. A perda desse “cimento” de gelo pode reduzir a estabilidade das encostas. Ao mesmo tempo, o aumento da água de degelo e mudanças nos ciclos de congelamento e descongelamento podem favorecer avalanches de gelo e rocha, deslizamentos e fluxos de detritos. A Organização Mundial de Meteorologia (WMO) alerta que o recuo das geleiras está aumentando riscos como enchentes por rompimento de lagos glaciais (GLOFs), avalanches de gelo e fluxos de detritos glaciais.

As consequências para a saúde vão muito além das mortes por afogamento e dos traumatismos. No Nepal, unidades de saúde foram destruídas ou danificadas e hospitais tornaram-se inacessíveis devido à interrupção das estradas. A contaminação das fontes de água e a destruição dos sistemas de saneamento aumentam o risco de doenças diarreicas e transmitidas por água e alimentos. Deslocamentos e abrigos superlotados podem favorecer

infecções respiratórias, enquanto água acumulada após as enchentes pode aumentar condições favoráveis para doenças transmitidas por vetores. Há ainda consequências para a saúde mental, relacionadas à perda de familiares, moradias e meios de subsistência. A OMS está apoiando o país com atendimento aos feridos, medicamentos, vigilância epidemiológica e manutenção dos serviços essenciais de saúde.

O desastre também demonstra um paradoxo importante do derretimento das geleiras. No curto prazo, mais derretimento pode significar maior volume de água e maior risco de enchentes; no longo prazo, a redução progressiva das geleiras ameaça diminuir a disponibilidade de água durante períodos secos. Isso pode afetar água potável, agricultura, segurança alimentar, geração de energia e, consequentemente, saúde.

O Nepal mostra, portanto, como mudança climática, criosfera, água, desastres e saúde estão profundamente interligados. A tragédia reforça a necessidade de monitoramento das geleiras e encostas, sistemas de alerta precoce, compartilhamento de informações entre Nepal e China, planejamento territorial e sistemas de saúde preparados para riscos climáticos cada vez mais complexos. E evidencia que adaptação climática, redução do risco de desastres e resiliência dos sistemas de saúde precisam ser planejadas de maneira integrada.

Referências

Agência Brasil. *Afetada por disputas geopolíticas, COP17 termina com poucos avanços.* 28 August 2026. Agência Brasil — resultados das negociações da COP17

Associated Press. *United Nations talks in Mongolia expose growing drought crisis as climate impacts worsen.* 28 August 2026. Associated Press — balanço da COP17

COP17 Ulaanbaatar, Mongolia 2026 — site oficial do país anfitrião. https://unccdcop17.org/

ICIMOD — International Centre for Integrated Mountain Development. *Hindu Kush Himalaya glaciers losing ice at double the rate since 2000, new ICIMOD reports confirm*. 18 March 2026. https://www.icimod.org/press-releases/hindu-kush-himalaya-glaciers-losing-ice-at-double-the-rate-since-2000-new-icimod-report-confirm/

ICIMOD — International Centre for Integrated Mountain Development. Maharjan, S. B.; Sherpa, T. C. *Changing Dynamics of Glaciers in the Hindu Kush Himalayan Region from 1990 to 2020*. March 2026. https://lib.icimod.org/records/rrpvn-g3q31

IHME — Institute for Health Metrics and Evaluation. Global Burden of Disease (GBD) Study. https://www.healthdata.org/research-analysis/gbd

Manorama Yearbook. UNCCD COP17 opens in Ulaanbaatar, Mongolia | What to expect at COP17? https://www.manoramayearbook.in/current-affairs/world/2026/08/18/unccd-cop17-opens-in-ulaanbaatar-mongolia.html

The Lancet. Global Burden of Disease (GBD) — hub de publicações e análises. https://www.thelancet.com/gbd

UN Regional Information Centre for Western Europe (UNRIC). UNCCD COP17 to be held in Ulaanbaatar, Mongolia, from 17–28 August 2026. https://unric.org/en/unccd-cop17-to-be-held-in-ulaanbaatar-mongolia-from-17-28-august-2026/

UN Web TV. *Closing session — 17th session of the Conference of the Parties to the United Nations Convention to Combat Desertification (UNCCD COP17).* 28 August 2026. UN Web TV — sessão de encerramento da COP17

UNCCD. 17th session of the Conference of the Parties (COP17), Ulaanbaatar, Mongolia, 17–28 August 2026. https://www.unccd.int/cop17

UNCCD. COP 17, Ulaanbaatar, Mongolia, 2026 — documentos oficiais. https://www.unccd.int/convention/official-documents/cop-17-ulaanbaatar-mongolia-2026

UNCCD. *COP17 concludes in Ulaanbaatar: land restoration, drought resilience and rangelands.* 28 August 2026.
UNCCD — resultados da COP17

UNCCD. Mongolia to host next UN conference on sustainable land management. Bonn, 21 February 2025. https://www.unccd.int/news-stories/press-releases/mongolia-host-next-un-conference-sustainable-land-management

UNCCD. Policy Brief: Health Impacts of Land Degradation & Drought. July 2025. https://www.unccd.int/sites/default/files/2025-07/20250716_Policy%20Brief_July25_V9.pdf

UNDP. UNCCD 'Land' COP17 — United Nations Development Programme. https://www.undp.org/nature/events/unccd-cop17

USGS — U.S. Geological Survey. *2026 Nepal Debris Avalanche and Flash Flood*. 27 August 2026. https://www.usgs.gov/programs/landslide-hazards/science/2026-nepal-debris-avalanche-and-flash-flood

WHO — World Health Organization. *Nepal: Flash Floods and Health Response – 2026 Rasuwa Flash Floods*. 2026.
https://www.who.int/nepal/emergencies/2026-rasuwa-flash-floods

WHO — World Health Organization. *WHO releases US$150 000 emergency funds to support Nepal's flood response*. 30 August 2026. https://www.who.int/nepal/news/detail/30-08-2026-who-releases-us150-000-emergency-funds-to-support-nepal-s-flood-response

WMO — World Meteorological Organization. *Flood tragedy in Nepal highlights cross-border and cascading risks*. 27 August 2026. https://public.wmo.int/media/news/flood-tragedy-nepal-highlights-cross-border-and-cascading-risks

WMO — World Meteorological Organization. *Glaciers and Ice Caps*. https://wmo.int/themes/glaciers-and-ice-caps